

# Manuais para o ensino/aprendizagem do Francês de 1732 a 1890

Maria José Salema

I

## Uma história por fazer: a história dos manuais escolares

O pequeno catálogo que ora se publica é fruto do trabalho de pesquisa efectuado na Biblioteca Pública de Braga pelos alunos do Seminário de ***História da Didáctica do Francês Língua Estrangeira em Portugal***, do Mestrado em Língua e Literatura Francesas da Universidade do Minho, que decorreu de 7 de Janeiro a 3 de Março de 2000<sup>1</sup>.

O tema escolhido para este Seminário – *Manuais de francês e investigação histórica: propostas de aprendizagem do F.L.E. em Portugal durante o século XIX. Contribuição para um catálogo de manuais destinados à aprendizagem da Língua Francesa* – insere-se numa vasta e promissora área de pesquisa: a história dos manuais escolares. Ela pressupõe a inventariação, catalogação, descrição e análise das obras didácticas publicadas e/ou utilizadas para o ensino do francês, tarefa que desde os anos oitenta tem sido levada a cabo em diversos países europeus: na Suécia, onde Elisabete Hammar publicou,

em 1985, *Manuels de Français publiés à l'usage des Suédois de 1808 à 1905*<sup>2</sup> e, em 1996, *Manuels de français imprimés à l'étranger à la Bibliothèque de l'Evêché de Linköping*<sup>3</sup>; em França, com o programa de investigação *Emmanuelle: Les manuels scolaires en France de 1789 à nos jours*, levado a cabo, desde 1979, pelo *Service d'histoire de l'Education (S.H.E.)* e pelo *Centre informatique de recherche (C.I.R.)* do *Institut national de recherche pédagogique*<sup>4</sup>; em Itália, com o projecto de estabelecimento da bibliografia dos manuais publicados em Itália para o ensino do francês, da responsabilidade de uma equipa de professores de diversas universidades italianas, de que foi publicado o 1.º volume: *Insegnare il francese in Italia. Repertorio di manuali pubblicati dal 1625 al 1860* (dir. Minerva, Nadia e Pellandra, Carla) 1991, Univ. Bologna; em Espanha, com o projecto de investigação *MANES* iniciado em 1992 no Departamento de História da Educação e Educação Comparada da *Universidad Nacional de Educacion a Distancia de Madrid*, que visa a realização de uma ampla pesquisa sobre os manuais escolares espanhóis na Espanha contemporânea (1808-1990).

Os manuais escolares constituem uma fonte privilegiada da investigação na área da história do ensino; com efeito, o seu estudo permite não apenas o conhecimento das concepções educativas que enformaram a instituição escolar, dos valores por ela transmitidos, dos conteúdos linguísticos, civilizacionais e pedagógicos propostos, mas a própria reconstituição das práticas pedagógicas dos agentes de ensino. O seu recenseamento torna-se, assim, indispensável para a construção de uma história das disciplinas e para uma história dos manuais de ensino das línguas, uma e outra por fazer.

Um projecto de investigação na B.P.B.:  
contribuição para um catálogo de manuais  
destinados à aprendizagem da língua francesa

Objectivos. Características do repertório. O *corpus* estudado

O objectivo que nos propusémos realizar foi o de inventariar as obras didácticas publicadas em Portugal no século XIX para a aprendizagem do francês em situação escolar. O facto, porém, de, mesmo depois de institucionalizado em Portugal o ensino do francês com o advento do Liberalismo, nem sempre existirem no mercado do país manuais adaptados ao público visado, levou-nos a incluir no presente catálogo edições de algumas obras como as *Fábulas* de La Fontaine e o *Telémaco* de Fénelon, que sabemos terem sido largamente utilizadas para a aprendizagem do francês junto de públicos tão diversificados como alunos de colégios e liceus, príncipes e nobres, eruditos em geral.

A existência na B.P.B. de um número não despidendo de obras do século XVIII, particularmente dicionários, levou-nos a alargar os limites cronológicos primeiramente estabelecidos (1800-1900) e a própria definição de manual, inicialmente destinado apenas ao público escolar do ensino secundário. Por outro lado, dada a dimensão cronológica da nossa investigação e as características das fontes consultadas, essencialmente bibliografias e inventários, optámos por privilegiar uma definição de manual baseada, não tanto na sua efectiva utilização, como nos seus prováveis destinatários, de acordo com o critério de *presunção escolar* adoptado pelo programa de investigação *Emmanuelle*:

Par manuel scolaire, nous entendons tout ouvrage imprimé non périodique conçu dans l'intention, plus ou moins explicite ou manifeste suivant les époques, de servir à l'enseignement<sup>5</sup>.

### Uma multiforme realidade pedagógica

As 35 obras didáticas que constituem o catálogo, 14 do século XVIII e 21 do século XIX, ilustram a diversidade dos manuais utilizados para o ensino da língua francesa, a diversidade dos públicos a que se destinavam e das metodologias da sua aprendizagem. Permitem-nos, por isso, entrever uma multiforme realidade pedagógica, bem distante da uniformidade com que se convencionou caracterizar o ensino do francês (e de outras línguas estrangeiras modernas) no passado, com frequência se amalgamando as muito diversas experiências de três séculos e meio de ensino/aprendizagem sob a genérica e inapropriada designação de *metodologia tradicional*, exclusivamente identificada com o ensino mecânico de regras gramaticais, visando essencialmente a aprendizagem do francês escrito. Com efeito, se nem a oficialização do ensino das línguas estrangeiras modernas, com a criação dos liceus em 1836 (Decreto de Passos Manuel de 17 de Setembro de 1836), implicou a uniformização dos métodos de ensino no seio da própria instituição escolar, por razões diversas<sup>6</sup>, muito menos se pode esquecer que continuaram a vigorar modalidades de ensino do francês mais antigas, paralelas ao ensino oficial, e outras entretanto surgidas. É o caso do ensino doméstico ministrado por preceptores aos jovens da nobreza e alta burguesia<sup>7</sup> e do ensino efectuado, por períodos mais ou menos limitados, durante o século XVIII e primeiras décadas do século XIX em instituições tão diversas como: *A Aula do Comércio*, o *Real Colégio dos Nobres de Lisboa*, as aulas dadas pelos *mestres de línguas* em suas casas ou em escolas de línguas, os colégios particulares, religiosos e laicos, masculinos e femininos, as academias militares, etc.

A investigação até agora levada a efeito no seio da *Société Internationale pour l'Histoire du Français Langue Etrangère ou Seconde* permite concluir que no plano da metodologia do ensino do francês a diversidade de situações de aprendizagem a que venho aludindo se traduziu, consoante as épocas e os contextos de ensino dominantes, pela supremacia ou coexistência de três grandes tendências (e suas variantes):

1. uma *metodologia analítica*, baseada na aprendizagem pelo uso, dominante sobretudo nos séculos XVII e XVIII, em que as línguas são aprendidas

# GRAMMATICA FRANCEZA,

OU

## A R T E

PARA APPRENDER O FRANCEZ  
por meyo da Lingua Portugueza ,  
*REGULADA PELAS NOTAS*  
*e Reflexoens da Academia de França.*

## P A R T E I.

P O R

D. LUIS CAETANO DE LIMA C. R.



LISBOA OCCIDENTAL,  
Na Officina da CONGREGAC,ÃO DO ORATORIO.

*Com todas as licenças necessarias.*

M, DEC. XXXIII.

*D. J. M. Pereira*

principalmente de forma prática, em casa, com um preceptor ou uma governanta, ou numa escola de línguas. Frequentemente designada por *método natural*, evoluirá em finais do século XIX para o *método intuitivo* ou *método directo*, que conheceu o seu apogeu no ensino oficial da maior parte dos países da Europa e América do Norte nos princípios do século XX;

2. uma *metodologia sintética*, construtivista, seguida pela maioria dos professores, sobretudo na primeira metade do século XIX, caracterizada essencialmente pela aprendizagem por regras. Nesta metodologia, geralmente designada por *método gramática-tradução*, à apresentação da regra gramatical, com todas as suas excepções, sucede o exercício de aplicação, a tradução, oral e escrita. A parte consagrada à chamada *prática*<sup>8</sup> aumentará progressivamente ao longo do século XIX, dando origem a numerosos métodos que procuram aliar teoria e prática;
3. uma *metodologia eclética*, de compromisso, que combina a aprendizagem por regras e pela prática, com inúmeras variantes.

A tipologia adoptada

Os manuais inventariados podem agrupar-se em cinco grandes tipos:

### 1. *gramáticas ou artes*

A preocupação de simplificar o estudo da língua pela redução dos conteúdos gramaticais, crescente ao longo do século XIX, leva à proliferação de *epítomes* da gramática francesa, de gramáticas *elementares*, de *elementos* de gramática...;

### 2. *métodos* ou cursos de língua completos

Trata-se de manuais de natureza múltipla, reunindo geralmente num só volume um manual de gramática, um vocabulário ou uma secção lexical, diálogos ou conversações, modelos de cartas e uma selecção de textos que serviam para os principiantes aprenderem a ler. Nesta categoria se incluem obras como o *Mestre Francês*, o *Ollendorf* e algumas *gramáticas*.

### 3. *livros de texto* constituídos por:

- a) obras literárias integrais como as *Fábulas* de La Fontaine e *O Telémaco*/*As Aventuras do Telémaco, filho de Ulisses*, de Fénelon;
- b) antologias de textos ou excertos de obras literárias geralmente designados por *Selectas*.

### 4. *dicionários*

5. *obras de diversa índole* visando a aquisição de uma competência específica, como os seus títulos indicam: *Mapa ortográfico para se ler com brevidade, e sem maior estudo a escritura francesa...* e *Petit abrégé de versification française*.

## II Perspectivas de análise

Na impossibilidade de um estudo aprofundado deste conjunto de obras, que, por outro lado, não constitui um corpus suficientemente representativo da tipologia apresentada, limitar-me-ei a pôr em evidência a riqueza de perspectivas que a sua análise oferece à investigação.

### Dois períodos da história do ensino do francês

Ressalvado o carácter heteróclito das situações de aprendizagem que estes manuais ilustram, como se referiu, pode afirmar-se que eles documentam dois períodos distintos, que não estanques, da história do ensino do francês em Portugal, a que correspondem modalidades de ensino igualmente distintas, o ensino em auto-didaxia e o ensino em situação escolar:

- a) um primeiro período representado pelas obras publicadas no século XVIII e 1.º terço do século XIX, de que são paradigma, por exemplo, as obras de

La Fontaine e de Fénelon, de que existem na B.P.B. diversas edições, o *Mestre Francês* (...) de Francisco Clamopin Durand, (6.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> edições, de 1798 e 1824 respectivamente) e várias gramáticas, entre as quais as de D. Luis Caetano de Lima (1732/1733), João António Barnoin (ed. de 1796) e D. João Maria Abbadie (ed. de 1809);

- b) um segundo período, que se inicia no termo da década de trinta do século XIX, coincidindo com a criação do ensino secundário oficial (1836), documentado, por exemplo, nas gramáticas que se publicam em 1838 e 1839, respectivamente, a *Gramática francesa teórica e prática* de Emílio Aquiles Monteverde e a *Gramática francesa* de Luis Alfredo Stratnever, e nas colectâneas de textos de Albino Coelho (*Anthologie de prosateurs et poètes français*, 1889) e C. Delacruz Vidal (*Selecta francesa*, 1890).

### O ensino em autodidaxia: a aprendizagem pelo uso e sem mestre

Um público heterogéneo: os *curiosos* da língua francesa

A maioria das obras publicadas até cerca de meados do século XIX, algumas mesmo na segunda metade de oitocentos, destina-se a um público heterogéneo. Muitas vezes genericamente designado por *as pessoas que estudam*, os *amantes do idioma francês*, o *prudente...*, *amado...*, *benévolo leitor*, os *senhores portugueses*, nele encontramos lado a lado os *meninos* e os *mancebos*, a *gente moça de um e outro sexo*, *les enfants et les élèves*, a *estudiosa mocidade portuguesa*, os *principiantes* e *os que desejam aperfeiçoar-se no conhecimento da língua francesa*. Trata-se com frequência de *peças grandes*, *peças estudiosas e polidas*, desempenhando por vezes funções oficiais nas côrtes estrangeiras, de *curiosos da língua francesa* que têm como modelo de língua o francês *polido*, língua de cultura, a cultura literária e erudita bebida nos clássicos franceses, mas também língua de comunicação, veículo da nova cultura científica emergente.



O francês língua muito da moda, língua quase universal:  
aprender um francês puro e elegante

O objectivo de *métodos*, selectas, dicionários e gramáticas é, segundo desejo expresso dos seus autores, ir ao encontro do interesse nascente e crescente pela cultura francesa que se difunde no nosso país durante todo o século XVIII, da necessidade da aprendizagem do francês, que se generaliza, língua que há que falar com *pureza e perfeição*. Ele é evidente em *prólogos/prefácios*, títulos e sub-títulos, no registo de língua proposto, nos *diálogos/conversações* incluídos nalguns manuais. No prólogo da sua *Gramática francesa ou Arte para aprender o francês por meio da Língua Portuguesa* (ed. de 1733), D. Luis Caetano de Lima, justificando a orientação da sua obra, que dá à luz *para pessoas estudiosas e polidas, que procuram falar as línguas com acerto*, sublinha a necessidade da aprendizagem de uma língua como a francesa, que se internacionaliza: *Mas sobretudo se faz mais necessária a língua Francesa, por ser quase uma língua geral para o comércio dos Homens*. Optou pela norma de Paris, pois é seu desejo que o *benévolo leitor* a quem oferece esta gramática aprenda *um francês puro e elegante* e não que fale *Gascão, Normando, ou Baixo Bretão*, o que certamente lhe exigiria muito menos esforço. As *Licenças do Santo Ofício* reiteram as vantagens desta *Arte Francesa*, quer a autorização do seu *Qualificador*, Fr. Manuel Guilherme, para quem ela *ensina com clareza os últimos ápices da perfeição da língua francesa*, quer a licença do Paço, assinada por José da Cunha Brochado:

*É uma obra em sua espécie perfeitíssima. (...) Aproveitem-se os vassallos de Vossa Magestade desta bela lição para possuir com arte, e falar com pureza uma língua, que com igual justiça que necessidade se fez comum na Europa.*

Como vimos, títulos e sub-títulos são igualmente reveladores de uma mesma intenção, propor como padrão de língua o francês erudito. Atente-se nalgumas gramáticas que se publicam neste período: a de João António Barnoin, *Nova Gramática Francesa e Portuguesa, para se aprender com facilidade a falar, ler, escrever, traduzir, e pronunciar na última perfeição (...)*; a de Mr. De La Rue, *Novo Método de Gramática, para aprender com perfeição e ainda sem uso de Mestre, a língua Francesa, e de algum modo a Portuguesa*. (eds. de

## PROLOGO.

**N**INGUEM ignora, que a lingua Franceza he hoje a mais cultivada na Europa, não só pelas excellentes Obras, que nella se tem escrito, mas tambem pela facilidade, que todos achão de exprimirem com ella as suas idéas. A Nação Portugueza he huma daquellas, que mais se applicão a estudalla; mas apezar de toda a sua applicação, não tem huma Arte, que possa dar-lhe hum inteiro, e perfeito conhecimento de huma tão util lingua; porque das que ha, humas ou são já hum pouco antigas, e por isso não dão as verdadeiras regras, que hoje se observão, tanto a respeito da Orthografia, como propriamente da Grammatica; outras contêm erros, e barbarismos, que ainda os mediocremente instruidos na lingua Franceza lhes estão descobrindo a cada passo.

Considerando pois esta falta, ousou dar á luz esta Arte, a qual bem creio, que não tem aquella perfeição, que poderia ter, mas ao menos lisongeo-se, que he mais ampla, e mais correcta, que as que se tem impresso até agora. Em quanto ás regras, são segurissimas, pois a maior parte dellas são fundadas na authority de *Vaugelas*, *Bouhours*, *Ménage*, *Corneille*, *Andri de bois-regard*, *le Dictionnaire de l'Academie*, *Regnier-Desmarais*, *La Touché*, *Buffier*, *Restaut*, e outros famosos Mestres.

Em quanto á correccão, posso affirmar, que me tem dado maior trabalho do que a propria composição; e na verdade se não assistisse á impressão della, seria impossivel sahir tão correcta especialmente na terceira columna da pronunciação, onde se achará nos accents huma exactissima regularidade.

Mas como tudo isto não basta para aprender facilmente, e em pouco tempo huma lingua, tenho imaginado hum novo Methodo, com o qual os Curiosos podem instruir-se sem auxilio de Mestre: consiste em observar com cuidado a pronunciação das letras na terceira colu-

1756 e 1766) e a de D. João Maria Abbadie, *Nova Gramática para aprender a traduzir, falar e escrever a língua francesa com perfeição e brevidade (...)*.

Os dicionários, necessários auxiliares da aprendizagem do francês, são os *tesouros* dessa língua erudita, língua dos *sábios*, como nos diz Joaquim José Costa e Sá, revisor do *Nouveau dictionnaire français-portugais (...)* de Manuel de Sousa (ed. de 1784), dedicado ao Príncipe do Brasil:

Este Dicionário (...) é o Tesouro universal da Língua Francesa, quero dizer, da Língua dos Sábios que floresceram em todas as mais ilustres épocas da Literatura e da erudição, (...) obra (...) de tanta importância, e de necessidade tão indispensável para a Portuguesa (...) (Dedicatória).

A sua aceitação junto do público leva os editores a renovarem as edições destas obras. Podemos, assim, ler, no *Avis au public* da 2.<sup>a</sup> ed. do *Nouveau Dictionnaire des Langues Française, et Portugaise (...)*, Tome Premier, de Costa e Sá, publicado em 1758, que a grande procura deste dicionário os moveu a dele fazerem uma segunda edição,

*de contribuer à la perfection d'un Dictionnaire utile et même nécessaire à ceux qui s'appliquent et veulent savoir une langue aujourd'hui si universelle; dans laquelle ceux qui s'adonnent aux sciences, trouveront de quoi satisfaire leur goût* (Avis au public).

A perda de um fundo considerável de obras por ocasião do terramoto de 1755, tê-los-ia feito desistir de tal empresa, não fora a consciência do interesse dos portugueses pela língua francesa:

*Notre désir à répondre à la curiosité si louable de Messieurs les Portugais pour la langue Française nous a fait passer par dessus toute considération* (Avis au public).

O francês veículo da nova cultura científica

É preocupação de autores e editores dos dicionários a sua constante actualização, particularmente no que respeita ao novo vocabulário científico e

técnico, a multidão de termos de Ciências, e Artes, que a língua Francesa se tem apropriado, usando deles nos escritos modernos, e na maior parte das conversações (Novo Dicionário Francês-Português (1777), e a consciência da importância dos conhecimentos científicos de que o francês é a principal língua veicular. Os editores do já citado dicionário de Manuel de Sousa, revisto por Costa e Sá em 1784, informam-nos, por isso, que:

*Houve um vigilantíssimo cuidado de se lhe acrescentarem todos os termos técnicos, e facultativos das Ciências e das Artes; &c. Os Anatómicos, Botânicos, Físicos, Jurisconsultos, Teólogos; &c. acharão nele se não tudo, ao menos quase tudo, o que respeita às suas Faculdades.* (Aviso dos Editores).

A consulta do dicionário revela-se, assim, indispensável a um vasto público, às pessoas de todas as classes e de todas as profissões que reconhecem a utilidade da língua francesa (F. de Castro Freire, Novo Dicionário Francês-Português, Paris, 1879), à própria mocidade estudiosa que pode tirar deste tipo de obras muitas utilidades e vantagens para os conhecimentos científicos de que não pode prescindir na carreira de seus estudos. (J. J. Costa e Sá, Dicionário Português-Francês-E-Latino, Lisboa, 1794).

Aprender o francês por meio da língua portuguesa

Embora visando a aprendizagem do francês, grande parte dos manuais que constituem o nosso inventário propõe um estudo paralelo das duas línguas, o francês e o português. Esta perspectiva *contrastiva*, para empregar uma terminologia actual, é patente nos títulos/subtítulos de gramáticas como as de D. Luis Caetano de Lima (ed. de 1732/1733), De La Rue (eds. de 1756 e 1766), e Aquiles Monteverde (ed. de 1838), elaboradas para se aprender o francês por meio da língua portuguesa ou para se aprender a língua francesa e de algum modo a portuguesa. Patente também em prefácios como o da gramática de José Inácio Roquete, já da segunda metade do século XIX, (nova edição revista, 1851), em que, vincando que a sua intenção é que os *discípulos* aprendam o francês mantendo a pureza da língua materna, o autor remete para o prólogo de uma obra anterior de que esta é apenas um resumo. A tradução é para Roquete um objectivo essencial da aprendizagem do francês.

Não o preocupa que em curto espaço de tempo

*se aprenda perfeitamente a língua francesa, em cujo estudo gastam os Franceses oito e mais anos, e que às vezes nunca chegam a bem saber; dirigimos porém nosso intento a preservar os alunos do perigo certo que correm, durante esse tempo, de estropiarem miseravelmente o pátrio idioma, por isso lhes subministámos a triaga com o veneno, refrescando a memória do que sabem, para que aprendam sem esquecer, para que aumentem o cabedal de conhecimentos, e não para que substituam uns aos outros; em suma para que se descubra sempre que a linguagem francesa é aprendida, e a portuguesa bebida com o leite (Prefácio).*

José da Fonseca, autor de um dicionário, que data igualmente da segunda metade de oitocentos (*Novo Dicionário Francês-Português*, Paris, 1862), revela idêntica preocupação, própria dos *sinceros e genuínos conhecedores da excelência da Língua Portuguesa*, que lamentam com profunda dor os estragos que ela quotidianamente está recebendo dos que se aplicam ao estudo e uso da Língua Francesa. Por isso, e por outras razões,

*era necessário que aparecesse um (dicionário) Português, que, por assaz versado na literatura de ambas as nações, pudesse empregar aquele zelo e fino discernimento que preciso é para verter em linguagem os vocábulos e frases Francesas, sem nunca sacrificar, mas antes fazer sobressair a pureza, riqueza e abundância da preciosa língua dos Portugueses (Aviso do editor).*

As obras literárias: as *Fábulas* de La Fontaine e as *Aventuras de Telémaco*, de Fénelon

Entre os manuais dos séculos XVIII e XIX existentes na B.P.B. figuram obras literárias como as já referidas *Fábulas* de La Fontaine, uma ed. francesa de 1830 e uma tradução portuguesa – *Fábulas escolhidas entre as de J. La Fontaine*, tomos I e II –, de 1839, da autoria de Filinto Elísio, e diversas edições estrangeiras e portuguesas das *Aventuras de Telémaco, Filho de Ulisses*.



# O TELEMACO

DE MONSIEUR

FRANCISCO DE SALIGNAC,  
DE LA MOTTE FENELON.

ARCEBISPO E DUQUE DE CAMBRAIA.

TRADUZIDO E DEDICADO

AO ILL., E EX. SENHOR

# MARQUEZ

SECRETARIO DE ESTADO.

*Da Secretaria do Con. B. do Est. do P. do*  
*Rey. PELO CAPITÃO*

MANOEL DE SOUSA.

*da Villa de Guimarães.*

TOMO I.

*Quinta*

*Saldá*

# LISBOA

Na Offic. de MIGUEL RODRIGUES,

Impressor do Eminent. S. Card. Patriarca.

M. D C C. L X X.

*Com licença da Real Mesa Censoria.*

Aprender o francês pelo Telémaco:  
instruir distraindo e formar na prática da virtude

Manuel de Sousa, autor da edição de 1770, dedicada ao Marquês de Pombal, testemunha-nos a popularidade, também em Portugal, desta obra que se difundiu por toda a Europa nos séculos XVII e XVIII, servindo de livro de leitura a adultos e de modelo à educação de jovens príncipes e nobres<sup>9</sup>. Com efeito, a obra que oferece ao Marquês não só *é pelo seu assunto digna dum Ministro de Estado, e pelo seu estilo digna dum sábio e dum eloquente Ministro*, como foi acolhida com os *aplausos de todas as nações que deram franca entrada às luzes da razão e do gosto*, e que, por esse motivo, a traduziram. Essa é também a razão que levou Manuel de Sousa a traduzir *O Telémaco, de Monsieur Francisco de Salignac de La Motte Fénelon, Arcebispo e Duque de Cambraia*, um dos primeiros livros que leu quando iniciou os seus estudos de francês:

*Foi esta uma das primeiras obras que lemos logo que nos demos ao estudo da língua Francesa, e não deixaram de nos contentar muitas das belezas que por toda ela vão derramadas e as excelentes pinturas que em muitas partes sobressaiem. Todos os dias nos atroavam os ouvidos os grandes louvores que davam a esta obra...* (Prólogo do Autor).

Para *desagravar* a nação portuguesa, *sem razão ofendida* com uma má tradução anterior (ed. de 1765), empreendeu esta nova tradução, velando pela vernaculidade do texto português:

*(...) encostando-nos ao texto quanto dá lugar a dissemelhança das duas línguas, entendemos que pela propriedade e elegância da nossa igualamos os lugares mais belos, e pela energia, concisão, abundância e nobreza de termos e frases, talvez realcem muitos lugares melhor que no Original* (Prólogo do Autor).

Julgada antiquada, em seu lugar surgirá, em 1785, outra tradução do *Eloquentíssimo Poema das Aventuras de Telémaco*, igualmente documentada na B.P.B., cujo *afrancesamento* justificará, por seu turno, nova tradução, em 1837, de que esta biblioteca possui três exemplares.

Tal como o testemunho de Manuel de Sousa, um dos diálogos incluídos na já referida *Nova gramática francesa e portuguesa*, publicada em 1796 por João António Barnoin, mostra-nos como *O Telémaco* servia de manual de aprendizagem do francês *língua muito da moda, ... língua universal, falada por todas as pessoas de qualidade*.

194 NOVA GRAMMÁTICA

Tinchaís bem ?	<i>Décompte-vous bien ?</i>
Trincho muito bem.	<i>Je décompte assez bien.</i>
Vós tendes o gosto muito delicado.	<i>Vous avez le goût fort délicat.</i>
Vós dais-nos hum banquete de Rei, e em lugar de nos dar hum jactar de amigo.	<i>Vous nous faites un festin de Roi au lieu de nous donner un repas d'amis.</i>
Comeci deRe peru.	<i>Mangez de ce dindeon.</i>
Emprehei-me a face.	<i>Pretez-moi le coustam.</i>
Não lambais os dedos.	<i>Ne lèchez pas vos doigts.</i>
Esfregai-os ao guardanapo.	<i>Frottez-les à votre serviette.</i>
Não mettais os dedos na boca.	<i>Ne mettez pas vos doigts dans la bouche.</i>
Tenho hum bocado de carne nos dentes.	<i>Un morceau de viande tient à mes dents.</i>
Tira-o com o paliko.	<i>Otez-le avec le couteau.</i>
Mattigai a carne.	<i>Machez votre viande.</i>
Vós engolis os bocado sem os mattigar.	<i>Vous avalez les morceaux sans les macher.</i>
Comeci bem ao jantar, porque não teceis merenda.	<i>Mangez bien à dîner, car vous n'aurez point de gouté.</i>

Es

FRANÇA, e PORTUGUEZA. 195

Eu não cêmo femão duas vezes ao dia.	<i>Je ne fais que deux repas par jour.</i>
Queris queijo ?	<i>Voulez vous du fromage ?</i>
O que vos parececi.	<i>Ce qui vous plaira.</i>
Gostais de nata ?	<i>Aimez vous la crème ?</i>
Sim Senhor.	<i>Oui Monsieur.</i>
Trazei a tobremelã.	<i>Apportez le dessert.</i>
Levantai a mefã.	<i>Deffervez.</i>
Vamos fazer hum giro pelo jardim, e depois viremos tomar o caffè.	<i>Allons faire un tour de jardin, et ensuite nous viendrons prendre le caffè.</i>

V. DIÁLOGO.

Para fallar Francez.

Fallais Francez ?

Sim Senhor.

He huma sciencia fallar bello fallar.

He huma lingua muirto da moda.

He hoje a lingua universal.

Todo o mundo falla Francez.

Todas as pessôas de qualidade fallão Francez.

V. DIÁLOGO.

Para parler Français.

Parlez vous Français ?

Oui Monsieur.

C'est une science de parler.

C'est une langue fort à la mode.

C'est aujourd'hui la langue universelle.

Tout le monde parle Français.

Toutes les personnes de qualité parlent Français.

Fal-



Utilizado por preceptores e mestres de línguas no século XVIII e princípios de oitocentos – *aprendeste, sabeis o francês pelo Telémaco* –, continua a servir de livro de leitura no ensino secundário oficial já bem avançado o século XIX. Jacob Bensabat, autor de uma das primeiras antologias de textos aprovadas oficialmente para o ensino do francês em 1881, *Lectures morales et morceaux choisis des classiques français – Nova selecta francesa ou trechos extraídos dos melhores clássicos franceses em prosa e verso para o estudo da língua francesa*, informa-nos que anteriormente à publicação da *Selecta francesa* de José Inácio Roquete em 1854, que servirá de livro de texto em diversos liceus do país até aos anos oitenta, *o professor de francês não tinha outro livro de que pudesse lançar mão, a não ser o Telémaco ou as Fábulas de La Fontaine*. O romance didáctico que Fénelon compôs para a educação do Duque da Borgonha, delfim de França, e que, como refere Fernando Cristovão, representou na época uma *pequena/grande revolução pedagógica*, surgindo como alternativa às bíblias e aos catecismos por onde se aprendia a ler, adequava-se ao ideal clássico da educação literária, nomeadamente aos objectivos da educação dos jovens, que importava *instruir* distraíndo e *formar* na prática da virtude, aliando o *agradável*, que a literatura proporcionava, ao *útil* e ao *prático* exigido pelos novos contextos culturais dos meados do século XIX.

É clara em Roquete a pretensão de contrapor a sua *selecta* à generalizada leitura das *Fábulas* de La Fontaine e do *Telémaco*, obras que não só não oferecem a totalidade dos registos de língua necessários para se entender *toda a língua francesa*, como não satisfazem os requisitos de uma conveniente formação literária e moral da juventude:

*Os meninos acharão neste livro um alimento intelectual mais sã, e não menos agradável, que o que ordinariamente lhes fornecem na frequente leitura do Telémaco e das Fábulas de La Fontaine* (Prólogo).

O uso comum e familiar do francês

Como o diálogo acima transcrito, muitos outros *diálogos* e *conversações familiares*, incluídos nas gramáticas e cursos de língua do período em análise, atestam que o objectivo da aprendizagem de um francês *puro e elegante* não exclui a preocupação dos registos de língua próprios das situações de comunicação da vida corrente, a partir de actos de fala tais como: *para escrever uma carta, para fazer uma visita de manhã, para ir ao teatro, para nadar, para falar ao sapateiro, do tempo, das horas, etc.*

He a primeira vez que vai à scena? <i>Est-ce la première fois qu'on la joue?</i>	Desobedi o panno. <i>La toile est obéie.</i>
Vamos para casa. <i>Allons-nous coucher nous.</i>	Vamos para casa. <i>Allons-nous coucher nous.</i>
Mm. <i>Monsieur, c'est la troisième fois.</i>	VI.
Vamos para hum camarote? <i>Allons dans un loge?</i>	Para fillar ao capatio. <i>Pour parler au condottier.</i>
Farei o que for do seu gosto, mas eu quereria antes ir para a plateia. <i>Je ferai ce qu'il vous plaira, mais j'aimerais mieux aller au parterre.</i>	Vio o capatio? <i>Le condottier est-il venu?</i>
Que lhe parece esta symphonia? <i>Que vous semble cette symphonie?</i>	Alinda não. <i>Pas encore.</i>
Quez vous semble cette symphonie? <i>Port bon.</i>	Va a sua casa, e diga-lhe que me tragga o capatio. <i>Courra donc chez lui, et dites lui de m'apporter mes souliers.</i>
Muito boa. <i>Port bon.</i>	Senhor, elle aqui está, encontrando o cambio. <i>Monsieur, le voici, je l'ai trouvé en chemin.</i>
Estamos muito apertado na plateia. <i>Nous sommes fort serrés au parterre.</i>	São osos ou meus sapatos? <i>Sont-ce là mes souliers?</i>
Os camarotes tem tantas Senhoras quantas nollas podem caber. <i>Il y a dans les loges autant de dames qu'il y en peut tenir.</i>	São muito apertados. <i>Il sont trop étroits.</i>
Nunca vi a Opera isto obida. <i>Je n'ai jamais eu l'opéra si plein.</i>	Apertho-me alguma couza. <i>Il me pressent un peu.</i>
Tem muita gente. <i>Il y a beaucoup de monde.</i>	Métros na forma para os algariz. <i>Métrises en forme pour les algariz.</i>
A vista das lindas Senhoras, que ornão os camarotes, agrada-me quasi tanto como a Opera. <i>J'orne, presque autant que l'opéra, la vue de ces belles dames qui font l'ornement des loges.</i>	Elas dão de si ou alargão muito em se tratando. <i>Elles ont de soi en se traitant.</i>
He humta agradável vista. <i>C'est un beau coup d'œil.</i>	Vejo muito bem que me há de fazer. <i>Je suis fort bien que de me classer.</i>
Ohbe para aquella Senhora, que está naquelle camarote. <i>Regardez cette dame qui est dans cette loge.</i>	Ou meus calos o pagano or o sentido. <i>Mes calos en souffrent.</i>
He hum sol. <i>Elle est telle comme le jour.</i>	O talho está muito baixo. <i>Lecton est trop bas.</i>
Mas levanta-se o panno, o capatio. <i>Mais, on lève la toile, le capatio.</i>	As sedas não são muito fortes. <i>Les soieries ne sont pas trop fortes.</i>
A Opera está acabada. <i>L'opéra est fini.</i>	Via, e quer ver outro par que trouxe como por acaso? <i>Voilà, et veut-il voir un autre par que trouxe comme par hasard?</i>

temo ver um outro par que trouxe como por acaso? <i>Voilà, et veut-il voir un autre par que trouxe comme par hasard?</i>	Que tal está o tempo? <i>Quel temps fait-il?</i>
Quero. <i>Je le veux bien.</i>	Faz bom tempo. <i>Il fait beau temps.</i>
Le temho o pé nisto folgado. <i>Le pied est plus à son aise.</i>	Faz frio? <i>Fait-il froid?</i>
Quanto cambio estes sapatos? <i>Que valent ces souliers?</i>	Faz mau tempo. <i>Il fait mauvais temps.</i>
le prix de ces souliers? <i>C'est un prix de ces souliers?</i>	Faz sol? <i>Fait-il soleil?</i>
A como o vende? <i>Combien les vendez-vous?</i>	Faz hum tempo humido, chuvoso, e tempo leveis, pluviosos, e fogozos. <i>Fait un temps humide, pluvieux, et fogueux et venteux.</i>
A des excidos. <i>Pas écus.</i>	Hum tempo incostante e variavel. <i>Un temps incertain et variable.</i>
He demasiado. <i>C'est trop.</i>	Hum tempo para calor. <i>Un temps pour la chaleur.</i>
He hum preço sabido. <i>C'est un prix fait.</i>	Faz frio. <i>Il fait froid.</i>
Foge-me outro par. <i>Portez-m'en une autre paire.</i>	Chove? <i>Pluie-t-il?</i>
Tomem-me medida. <i>Prenez ma mesure.</i>	Não chove. <i>Il ne pleut pas.</i>
Aqui tem o seu dinheiro. <i>Voilà votre argent.</i>	Chove pouco. <i>Il gèle.</i>
VII.	Cabe pouco. <i>Il neige.</i>
Do tempo. <i>De temps.</i>	Cabe gelo. <i>Il gèle.</i>
Deve se deprimir. <i>Le temps se fond.</i>	
Faz humta grande tempestade. <i>Il fait un grand orage.</i>	
Faz torçoes. <i>Il tonne.</i>	
O trovão faz estorido. <i>Le tonnerre gronde.</i>	
Faz relampagos. <i>Il fait des éclairs.</i>	
Faz vento. <i>Il vente.</i>	
Faz grande vento. <i>Il fait grand vent.</i>	
O vento mudou. <i>Le vent est changé.</i>	
A tempestade passou. <i>L'orage est passé.</i>	
Vogo o arco iris. <i>Je vois l'arc-en-ciel.</i>	
He signal de bom tempo. <i>C'est signe de bon temps.</i>	
Faz humta grande nevoa. <i>Il fait un grand brouillard.</i>	
O sol começa a dissipar-la. <i>Le soleil commence à le dissiper.</i>	
VIII.	
Das horas. <i>Des heures.</i>	
Que horas são? <i>Quelle heure est-il?</i>	
Vejá que horas são. <i>Voyez quelle heure il est.</i>	
Diga-me que horas são. <i>Dites-moi quelle heure il est.</i>	
Não sabe que horas são? <i>Nous ne savons point quelle heure il est?</i>	
He cedo. <i>Il est de bonne heure.</i>	
Não he tarde. <i>Il n'est pas tard.</i>	
Tomamos para casa. <i>Retournerons-nous au logis.</i>	
Temos muito tempo para isso. <i>Il y a assez de temps pour cela.</i>	
Alinda agora he muito dia. <i>Il n'est que midi.</i>	
He pouco de humna hora. <i>Il est près d'une heure.</i>	
Agora épo humta hora. <i>Une heure vient de sonner.</i>	

Estas obras, como quase todos os dicionários, incluem uma grande diversidade de listas de vocábulos e frases que abarcam várias esferas do conhecimento e da vida, idiotismos, provérbios, máximas, pensamentos escolhidos, etc., constituindo por vezes pequenos dicionários, listas elaboradas com a intenção expressa de fornecer aos estudiosos do francês os termos e as expressões indispensáveis ao uso oral da língua, nomeadamente, como se referiu, nas diversas situações da vida quotidiana, ou o conhecimento do novo vocabulário científico e técnico:

*Vocabulário de muitos nomes necessários para a conversação;*  
*Compêndio de vários nomes e termos particulares, divididos por matérias...;*  
*Colecção de provérbios que se correspondem exactamente nas duas línguas;*  
*Idiotismos da língua francesa;*  
*Petit dictionnaire des locutions vicieuses (com a correspondente correcção)...*

A preocupação de *enriquecer* e de *aperfeiçoar* o vocabulário, cuja importância a pedagogia do século XIX irá acentuar, pois a aprendizagem não partirá já da palavra, mas da frase e do texto completo, visa quer *o uso comum e familiar* do francês e do português, quer o conhecimento do novo léxico científico e técnico necessário, como por vezes se diz, *para os que querem traduzir o francês ou para quem pretende traduzir frases e modos de falar*. Tal preocupação exigiu, segundo afirmam autores e editores, a necessidade de recorrerem a *conhecedores das duas línguas* ou a *diversos especialistas*.

### Aprender o francês sem Mestre

A maior parte das gramáticas e *métodos* que se publicam no século XVIII visa fazer aprender o francês não só *com perfeição* mas ainda *sem mestre*, como os seus subtítulos realçam. Trata-se, com efeito, de *novos métodos* ou *novos métodos da gramática para aprender com perfeição e ainda sem uso de mestre* (ou *sem mestre*) *a língua francesa*. O autor de *O Mestre Francês*, por exemplo, Francisco Clamopin Durand, esclarece-nos no prólogo da sua obra que imaginou *um novo Método, com o qual os Curiosos podem instruir-se sem auxílio de Mestre...*

Como vimos, a aprendizagem em autodidaxia dominou entre nós até cerca de meados do século XIX, altura em que a maioria dos liceus se encontra já em pleno funcionamento. Até então o ensino/aprendizagem das línguas estrangeiras modernas fazia-se predominantemente no seio da família ou por intermédio dos *mestres de línguas*, muitas vezes estrangeiros sem formação pedagógica específica, que compunham eles próprios os manuais por onde ensinavam os seus *discípulos*.

Está por fazer a indispensável história dos nossos agentes de ensino, preceptores, mestres de línguas e professores que, ao longo de três séculos e meio de actividade, com escassos recursos didácticos, com maior ou menor intuição pedagógica e auferindo baixíssimos salários, se dedicaram ao ensino das línguas. Tendo o ensino secundário oficial sido criado em 1836, como se assinalou, apenas em 1860 se estabelecem as primeiras normas pedagógicas para o ensino das diversas disciplinas, datando de 1872 o primeiro programa de francês verdadeiramente estruturado. A profissionalização dos professores de línguas só se inicia entre nós nos princípios do século XX, com a reforma do Curso Superior de Letras em 1901. Na segunda metade do século XIX o ensino da língua francesa foi assim assegurado por agentes de ensino de reduzida ou insuficiente formação científica, quando esta correspondia ao curso completo dos liceus, professorado que abrangia um variado leque de profissões: bacharéis em Direito, médicos, advogados, militares, presbíteros, etc. Como tantas vezes confessam, baseavam a sua actividade pedagógica essencialmente na sua própria experiência de ensino e durante um largo período de tempo não puderam dipor de manuais adequados a esta outra modalidade de ensino, o ensino em situação escolar.

*Os Elementos de gramática francesa destinados e admitidos para uso dos alunos que estudam esta língua*, de que é autor o Conselheiro Agostinho Albano da Silveira Pinto, *Professor Jubilado e Ex-Director na Real Academia de Marinha e Comércio da Cidade do Porto*, e de que a B.P.B. possui a 6.<sup>a</sup> edição (1852), parece sugerir, ainda na segunda metade de oitocentos, a falta de agentes de ensino, mesmo não profissionalizados. Os seus editores assim justificam o acrescentamento ao plano primitivo desta obra de notas complementares: *introducimos notas que suprem até certo ponto a falta de mestres em alguns objectos* (Advertência do Editor). José da Fonseca, autor de um dicionário da

segunda metade do século XIX, o *Novo dicionário francês-português* (ed. de 1862), tem igualmente presente a realidade do ensino em autodidaxia, nomeadamente no que respeita à aprendizagem da pronúncia. Com efeito, foi sua intenção enriquecer o seu dicionário *com a pronúncia figurada da língua francesa, de maneira a facilitá-la ao leitor sem ajuda de mestre*.

Se as obras dos autores citados pressupõem a aprendizagem do francês em autodidaxia, outras, porém, questionam tal modalidade de ensino. João António Barnoin, por exemplo, no prólogo da sua *Nova gramática francesa e portuguesa* (1756), alude aos métodos de aprendizagem do francês anteriormente publicados, que, na sua maioria, considera inadequados a tal objectivo, pois assentam na ilusão *de que por tais Artes qualquer possa saber francês com perfeição mesmo sem Mestre*. Barnoin não promete ao *prudente Leitor* da sua gramática que possa

*receber a inteligência da Língua Francesa vaidosamente sem Mestre: mas sim vos prometo a utilidade que o vosso desejo e aplicação permitir: falo-vos sincero; porque é meu génio* (Prólogo).

## O ensino em situação escolar

A institucionalização do ensino das línguas vivas com a reforma de Passos Manuel em 1836 fez emergir, a par das modalidades de ensino referidas, um novo tipo de aprendizagem das línguas, o ensino em situação escolar.

Para um novo público, 'novos' manuais

Ao novo público, maioritariamente constituído por jovens da burguesia, que passa a frequentar a partir dos anos quarenta os nossos liceus, se adaptarão lenta e dificilmente os manuais de ensino, que passarão a figurar nas relações de livros oficialmente aprovados, alguns dos quais o nosso inventário documenta também.

É possível distinguir neste segundo período uma primeira fase, que se estende

dos anos 40 a meados da década de 80, em que a metodologia do ensino oficial do francês predominante, o chamado *método gramática/tradução*, valoriza essencialmente o ensino gramatical, a leitura e a tradução, particularmente o tema escrito, e uma segunda fase, que se inicia cerca de 1884/1885, em que se reclama uma nova metodologia do ensino das línguas, dita metodologia *natural*, que evoluirá para o *método directo*. Nesta nova metodologia, que vai conhecer o seu auge na transição do século XIX para o século XX, valoriza-se a oralidade e conseqüente aprendizagem da pronúncia, a gramática indutiva e o texto seguido.

A novidade desta modalidade de aprendizagem, o ensino em situação escolar, a ausência no mercado português de obras didácticas adaptadas a este novo público e a já mencionada falta de preparação científica e pedagógica da maioria do professorado liceal, explicam que os professores continuem durante um largo espaço de tempo a utilizar nas aulas de francês os manuais disponíveis até então, obras que geralmente mantêm idêntica estrutura e nas quais se introduzem algumas adaptações ou inovações.

#### A novidade do exercício gramatical

Uma dessas inovações, patente nas gramáticas, de utilização quase exclusiva no ensino oficial até aos anos 80, consiste na introdução do exercício. A progressiva tomada de consciência das capacidades dos alunos e das suas necessidades de aprendizagem específicas, a que se assiste ao longo do século XIX, e a conseqüente preocupação de adequar o ensino a este novo público escolar, fazem com que as gramáticas se tornem pedagógicas, ou seja, *gramáticas de ensino*. O aparecimento do exercício nestes manuais corresponde à preocupação de tornar o ensino prático, tal como o reclamavam as concepções cientistas da educação que se difundem na Europa do tempo; ensino *prático*, porém, na acepção de que o termo se reveste no século XIX, a de um ensino que requiere prática, aplicação, exercitação (Cf. Howatt, 1988). Manuais de gramática ou cursos práticos deverão, assim, incluir exercícios de natureza diversa e frases de aplicação das regras gramaticais para versão e retroversão, como documenta o exemplar da 2.<sup>a</sup> edição de uma gramática de Emílio Aquiles Monteverde pertencente à B.P.B., a *Gramática francesa teórica e prática*,

publicada em Lisboa em 1838. O autor justifica, aliás, o objectivo dos exercícios que propõe *no fim de cada regra* para que, como afirma, *se possa ajuizar se o Estudante está ao facto da mesma Regra, trancrevendo-os e dando-lhe a aplicação conveniente* (1838: 16).

### Aprender a gramática

Durante os primeiros 45 anos de funcionamento dos liceus, dos seis manuais aprovados pelo Conselho Superior de Instrução Pública para o ensino do francês, cinco são gramáticas, duas das quais representadas no presente inventário, a já citada obra de Monteverde e o *Epítome da gramática francesa* de José Valério Capella, *Professor das línguas francesa e inglesa no Lyceu Nacional de Braga* (ed. de 1856). A estrutura que as caracteriza, as esparsas indicações pedagógicas que as acompanham e os testemunhos que temos da prática do ensino oficial das línguas vigente, permitem-nos entrever o percurso seguido pelo aluno que aprendia o francês na segunda metade de oitocentos. O nosso estudante liceal começava por aprender o alfabeto, de cujas letras se partia para o estudo da pronúncia.

Aprendizagem essencialmente teórica, assentava na memorização das regras da pronúncia e na descrição dos sons, que se confundiam com as letras, tal como se constata no início da gramática de Capela, aprovada oficialmente em 1863.

Apesar do estudo da prosódia se ter valorizado com o nascimento da fonética e o aparecimento do método directo em finais do século, no período de que nos ocupamos já alguns professores de línguas consideram que aprender a falar uma língua supõe não apenas o estudo da pronúncia como também o da prosódia. É o caso de D. Diogo da Piedade, autor de um dos nossos manuais, que incluiu na sua *Arte francesa para uso dos portugueses*, publicada em Coimbra em 1828, um longo diálogo sobre a prosódia francesa, sob a forma de Pergunta/Resposta, extraído, segundo nos afirma, de um tratado de prosódia francesa do Abade Olivet. Com a inclusão deste diálogo, pretende D. Diogo persuadir os seus *discípulos* da indispensabilidade do estudo da prosódia, à semelhança da convicção do aluno em cuja boca coloca as últimas palavras da lição: *Conclusion. Je suis convaincu, et commence avec plaisir l'étude de la Prosodie.*



# GRAMMATICA FRANCEZA

## PARTE PRIMEIRA.

### DA PRONUNCIA.

- 1 — Grammatica he a arte que ensina a exprimir correctamente as ideas, ou seja pela palavra, ou pela escrita.
- 2 — Para fallar e escrever usa-se de palavras: as palavras são compostas de syllabas, e estas de letras.
- 3 — O alfabeto francez contem as mesma letras que o portuguez; mas as letras francezas tem quasi todas hum nome diverso das portuguezas, o que se verá na seguinte taboa, que tem o nome de cada letra expresso em sons francezes e portuguezes.

FORMA DAS LETRAS.		NOMES DAS LETRAS.			
Caracteres romanos.	Caracteres <i>itálicos,</i>	Em Sons Francezes		Em Sons Portuguezes.	
		Nomes antigos	Nomes modernos	Nomes antigos.	Nomes modernos
A	<i>a</i>	<i>a</i>	<i>a</i>	a	a
B	<i>b</i>	<i>bé</i>	<i>bé</i>	bè	bè
C	<i>c</i>	<i>cé</i>	<i>ce</i>	cè	cè
D	<i>d</i>	<i>dé</i>	<i>de</i>	dè	dè
E	<i>e</i>	<i>é</i>	<i>é</i>	é	é
F	<i>f</i>	<i>ffe</i>	<i>fe</i>	effe	fè
G	<i>g</i>	<i>gé</i>	<i>ye</i>	gè	guè
H	<i>h</i>	<i>ache</i>	<i>ache</i>	agá	agá
I	<i>i</i>	<i>i</i>	<i>i</i>	i	i
J	<i>j</i>	<i>ji</i>	<i>je</i>	jod	gè
K	<i>k</i>	<i>ca</i>	<i>ca</i>	cá	cá
L	<i>l</i>	<i>elle</i>	<i>le</i>	elle	lè
M	<i>m</i>	<i>emme</i>	<i>me</i>	emme	mè
N	<i>n</i>	<i>enne</i>	<i>ne</i>	enne	nè
O	<i>o</i>	<i>o</i>	<i>o</i>	o	ò
P	<i>p</i>	<i>pé</i>	<i>pe</i>	pè	pè
Q	<i>q</i>	<i>cu</i> *	<i>cu</i>	qué	qué
R	<i>r</i>	<i>erre</i>	<i>re</i>	erre	rè
S	<i>s</i>	<i>esse</i>	<i>se</i>	csse	esse
T	<i>t</i>	<i>té</i>	<i>te</i>	tè	tè
U	<i>u</i>	<i>u</i> *	<i>u</i>	u	u
V	<i>v</i>	<i>vé</i>	<i>ve</i>	vau	vè
X	<i>x</i>	<i>icse</i>	<i>cse</i>	xis	xè
Y	<i>y</i>	<i>igrec</i>	<i>igrec</i>	ipsilon	ipsilon
Z	<i>z</i>	<i>zedt</i>	<i>ze</i>	zè	zè

\* Veja-se a pagina 3 a pronuncia da vogal u.

† As letras do alfabeto francez são do genero masculino; mas a letra *H* he do genero femino, e as letras *F, R,* são dos dous generos.





## DIALOGUE

SUR

### LA PROSODIE FRANÇOISE.

---

*D.* QU'est-ce que la Prosodie ?

*R.* C'est l'art de prononcer chaque Syllabe régulièrement quant à l'accent, et à la quantité.

*D.* L'accent et la quantité sont-elles les seules propriétés prosodiques des Syllabes Françaises ?

*R.* Il y a diversité d'opinions à cet égard. Des Grammairiens distingués prétendent que l'aspiration doit être comptée au nombre des propriétés prosodiques des Syllabes, d'autres prétendent le contraire.

*D.* A quelle opinion devons-nous nous fixer ?

*R.* Je pense que la seconde est la meilleure, et c'est pour cette raison que j'ai borné à l'accent et à la quantité l'objet de la Prosodie.

*D.* Sur quoi fondez-vous votre opinion ?

*R.* La consonne *H*, quand elle est aspirée, est la seule qui produise l'aspiration proprement dite. Or cette consonne n'a rien qui la distingue des autres ; elle appartient à la touche gutturale, comme *B* à la touche labiale. Il en est de même des autres consonnes. Il n'y a donc au-

## As Selectas

A aprendizagem da pronúncia era considerada um preliminar indispensável à prática da leitura da gramática, cujas regras o aluno devia memorizar, primeira etapa da aprendizagem, antes de abrir a antologia de autores clássicos, segunda etapa, para começar a ler os textos. Como vimos, esses textos, geralmente utilizados para leitura, análise gramatical e tradução, oral e escrita, eram inicialmente as *Fábulas* de La Fontaine e *As aventuras de Telémaco* de Fénelon.

Só na segunda metade do século XIX vemos surgir as antologias de texto como a já referida selecta de Roquete, de que a B.P.B. possui um exemplar de 1854. A necessidade deste tipo de manuais faz-se sentir particularmente a partir dos anos 80, em que se esboça uma nova metodologia do ensino das línguas estrangeiras modernas, para a qual pedagogos e professores reclamam, não só gramáticas novas que possibilitem um ensino racional do francês e facilitem a prática da língua, como também selectas novas, *instrutivas e práticas*, de carácter enciclopédico que, paralelamente aos conteúdos literários, veiculem noções das diversas ciências e exemplifiquem todos os registos de língua.

Duas das obras por nós recenseadas documentam esta evolução dos manuais de ensino: a *Anthologie de prosateurs et poètes français*, edição de 1889, de Albino Coelho, e a 2.<sup>a</sup> ed. da *Selecta francesa extraída dos melhores autores modernos* de C. Delacruz Vidal, publicada em Lisboa em 1890. O prefácio da primeira edição desta antologia, que o autor transcreve, se por um lado atesta a permanência de um ensino do francês predominantemente gramatical, por outro, traduz bem a necessidade de um novo tipo de manual que sirva de complemento da gramática:

*Para que o estudo de uma língua possa fazer-se com proveito no menor espaço de tempo, é preciso que ao lado d'uma gramática bem clara, completa e metódica, o aluno tenha presente um bom livro onde estejam exemplificadas todas as suas regras (...). As **Selectas**, ou coleção de trechos de vários autores e de vários assuntos, dão-nos em pouco tempo o mesmo resultado que a leitura de tantos e tão variados livros nos dariam em muitos meses, senão em muitos anos.*

# SELECTA FRANCEZA

1 *ambrosiaca* PRIMEIRA PARTE  
 2 *colusa*  
 3 *alleira*  
 4 *alano*  
 5 *algueiro chorac* PROSA  
 6 *vidacio* NOÇÕES UTEIS  
 7 *maguira* SOBRE

ASTRONOMIA, GEOGRAPHIA, OS TRES REINOS DA NATUREZA (MINERAL, VEGETAL, ANIMAL), PHYSICA, CHIMICA, HYGIENE, MORAL, GRANDES INVENTOS, NARRAÇÕES DE VIAGENS, DESCOBERTAS, LITTERATURA, HOMENS CELEBRES, ETC.; TODOS ESTES TRECHOS SÃO EXTRAHIDOS DOS MELHORES AUCTORES FRANCEZES CONTEMPORANEOS.

## 1 — ASPECT DE LA VÔÛTE CÉLESTE

Quand on <sup>1</sup> se place (se placer, *collocar-se*), pour voir le ciel, dans un endroit découvert, où la vue peut (pouvoir, *poder*) s'étendre librement de tous côtés, l'espace indéfini où circulent (circuler, *circular*) les astres, le Soleil pendant le jour et les étoiles pendant la nuit, apparaît (apparaître, *apparecer*) sous la forme d'une voûte immense recouvrant (recouvrir, *abranger*) tout l'horizon. Si cet <sup>2</sup> horizon est celui <sup>3</sup> d'une vaste plaine ou mieux encore la surface de la mer, la ligne qui <sup>4</sup> le sépare (séparer, *separar*) du ciel semble (sembler, *parecer*) une circonférence de cercle, dont <sup>5</sup> l'observateur occupe (occuper, *occupar*) le centre.

La voûte céleste paraît (paraître, *parecer*) surbaissée, c'est-à-dire (*isto é*) moins haute ou moins profonde

A um critério de eficácia junta-se um critério pedagógico, reflectindo conceitos novos como o da necessária selecção e progressão dos conteúdos linguísticos e culturais e sua adaptação às capacidades dos alunos e aos objectivos da sua formação:

*Para fazer porém uma boa e útil **Selecta** não basta reunir num livro quaisquer trechos de quaisquer obras. Se não se fizer uma escolha apurada e graduada de assuntos, tendo sempre em vista o **progressivo desenvolvimento da inteligência do aluno e a sua mais completa instrução** na índole e segredos da língua que se lhe ensina, a tal **Selecta** ser-lhe-á de mais prejuízo que de proveito.*

O desenvolvimento da inteligência e das *aptidões dos alunos* supõe também para o autor a escolha de trechos que veiculem *conhecimentos úteis e ideias que lhes possam servir em idade mais madura.*

Também Albino Coelho visou fazer obra inovadora ao elaborar a sua antologia, que publicou em Coimbra em 1885, e de que a B.P.B. possui um exemplar da 3.ª edição (1889). Levado pelo desejo de a adequar aos interesses e necessidades dos alunos, dá-nos conta do critério a que obedeceu a escolha dos textos que ali figuram:

- diversidade temática, aliada ao carácter prático e útil dos assuntos abordados;
- modernidade dos excertos apresentados (...) *parce que c'est le français dans sa phase actuelle qu'il faut aux élèves auxquels ce livre est destiné;*
- rejeição da seriação tradicional por géneros;
- alternância prosa/poesia;
- valorização da poesia, como factor indispensável da educação da inteligência e da sensibilidade dos alunos: *l'éducation par la poésie est instamment recommandée aujourd'hui par la science pédagogique.*

Inovador nos conteúdos, Albino Coelho pretende igualmente inovar a metodologia do estudo dos trechos que constituem a sua *selecta*, propondo como estratégia de aprendizagem o que designa por *méthode naturelle*. Esse método natural

consiste na estruturação da sua antologia em *séries*, organizadas em *lições de coisas*, aprendizagem da língua e aquisição de conhecimentos práticos formando um todo indissociável:

*Notre méthode toute naturelle consiste à répartir les morceaux par des séries selon la facilité des matières renfermées dans chacune, en commençant par les plus familières à l'enfant (séries domestiques). Ces séries organisées en leçons de choses apprendront du même coup la langue et les connaissances pratiques, aujourd'hui indispensables (Avant-Propos).*

Os métodos 'práticos': o *Ollendorf*

A preocupação por um ensino prático que, como vimos, se intensifica entre nós sobretudo na segunda metade do século XIX, deu lugar a diversas tentativas de adaptação dos manuais a este novo objectivo da aprendizagem das línguas, *métodos* ou *cursos* que geralmente não passam de variantes da metodologia tradicional dominante, a metodologia sintética, correspondendo ao que Christian Puren designa por *cours traditionnels à objectif pratique*. Entre eles conta-se o chamado *Ollendorf*, da autoria de um professor de línguas alemão, que em 1835 publicou *Novo método para aprender a ler, a escrever e a falar uma língua em 6 meses, aplicado ao alemão de H. G. Ollendorf*, cujas adaptações a diversas línguas se espalharam pela Europa grangeando enorme popularidade. O método de Ollendorf parece ter tido grande voga em Portugal. Entre 1874 e 1890 conhecem-se seis edições do *Método para aprender a ler, falar e escrever a língua francesa em seis meses arranjado para uso dos portugueses* por Francisco Adolfo Coelho, de que a B.P.B. possui um exemplar da edição de 1890. Também Domingos de Azevedo publicou um *Ollendorf aperfeiçoado – Método moderno para se aprender o francês sem auxílio de mestre*, de que conhecemos pelo menos duas edições. O *Ollendorf* não só foi adoptado por diversos liceus em finais dos anos 80, como, a avaliar pelo testemunho de Carlos Afonso dos Santos, na dissertação final de estágio que apresentou perante o júri da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1912: 15-16), foi um dos *métodos de transição* do antigo para o moderno método de ensino das línguas vivas:

*Quem não conhece o Ollendorf?*

– Por ele estudaram as principais línguas vivas milhares de pessoas, e ainda hoje em Portugal não falta quem o apregoe, muito especialmente quando se trata de adquirir das línguas um conhecimento sumário, duas noções para uma viagem, por exemplo. Intimamente ligado às correntes rotineiras pelo espírito de tradução o Ollendorf consegue todavia libertar-se de muitos preconceitos da época, dando-nos um processo prático e ensinando-nos uma gramática dentro da língua, induzida de frases.

Os métodos catequéticos

O amorismo de muitos dos autores de manuais explica que o método catequético possa também surgir como uma proposta válida de aprendizagem. É o que acontece com o autor do *Petit abrégé de versification française*, de 1878, T. A. F. Nobre de Carvalho:

*Ce petit traité de **versification** se présente donc de la manière suivante: Dans le même paragraphe la demande et la réponse; la demande en **lettre italique**. Clarté, commodité, élégance* (Préface).

Além de considerar a metodologia da Pergunta-Resposta como a mais adequada, Carvalho redigiu o seu pequeno tratado em francês para ir ao encontro de uma das facetas do ensino prático que começa a ser requerida no último terço do século, a prática oral da língua:

*Comme aujourd'hui dans les examens de la langue française les élèves sont obligés de répondre dans cet idiome, j'ai aussi pensé qu'il était utile que mon travail fût écrit en français* (Préface).

Na realidade, no preâmbulo do decreto de 23 de Setembro de 1872, que consagra o novo programa de francês, é clara a preocupação por um ensino de cunho prático, traduzido na valorização dos *exercícios de aplicação* e na prática da expressão oral e escrita. Numa nota final determina-se que *no 1.º ano, o ensino, depois de dada a gramática, será em francês*. De igual modo, nas normas relativas aos exames de línguas, que se promulgam no ano seguinte, prescreve-se que examinadores e alunos apenas possam recorrer à língua estrangeira.

## Dos Mestres aos Professores

A maioria dos autores das obras que se publicam neste período, particularmente na sua segunda fase, intitulam-se já *professores* e dirigem os seus manuais a um público específico, os *alunos* ou os *estudantes* dos estabelecimentos de ensino oficiais ou particulares. Frequentemente lecionam mais de uma língua, geralmente o francês, mas também o francês e o italiano, o francês e o português, o francês e o inglês; o latim, o francês e o inglês. A experiência pedagógica que acumularam, por vezes em instituições de diferentes graus e níveis de ensino, o estudo pessoal das novas correntes pedagógicas que alguns empreendem, o desejo de adequarem a sua prática aos programas e às normas didácticas superiormente estabelecidas, as dificuldades experimentadas com os seus próprios alunos, são outras tantas motivações que os encorajam a participar na elaboração dos materiais didácticos necessários à aprendizagem da língua francesa.

## Conclusão

A sucinta análise – na perspectiva das linhas de investigação possíveis – dos manuais para o ensino/aprendizagem do francês de 1732 a 1890 que, graças ao empenhado interesse e apoio do director da B.P.B., Dr. Henrique Barreto Nunes, foi possível recensear e inventariar, permite-me confirmar a convicção com que iniciámos este trabalho de pesquisa de que se abre um vasto terreno de investigação à história dos manuais escolares, um dos melhores, senão o melhor testemunho da permanente multiplicidade da história do ensino das línguas.



## Notas

<sup>1</sup> Respectivamente Albano Faria Alves Mota, Margarida Campos de Almeida, Maria Alzira Teixeira Pereira de Moura Guedes, Maria Cristina Nogueira Fernandes Gomes e Vitória Maria Rodrigues Parente Carvalhido.

<sup>2</sup> Norstedts Tryckeri, Stockolm, 1985.

<sup>3</sup> Répertiories par Elisabet Hammar, mars 1966, à l'occasion du colloque international de la SIHFLES à Linköping, "Phonétique et pratiques de prononciation", 22-25 mai 1996.

<sup>4</sup> O objectivo principal deste programa é recensar a totalidade dos manuais escolares publicados em França em todas as disciplinas e para todos os níveis de ensino (com excepção do superior), de qualquer tipo de estabelecimento de ensino.

<sup>5</sup> *Les manuels scolaires en France de 1789 à nos jours. 2. Les manuels d'italien, Emmanuelle*, coll. dir. Alain Chopin, Paris, Service d'histoire de l'éducation, 1987, I Présentation du répertoire.

<sup>6</sup> De que poderei destacar a difícil e lenta edificação do ensino liceal, criado a partir do zero, a escassez de directrizes pedagógicas e programáticas oficiais até 1872, a inexistência de professores competentes e de manuais de ensino adequados, as exíguas dotações orçamentais.

<sup>7</sup> A primeira gramática francesa publicada em Portugal data de 1679, tendo sido composta, segundo nos refere o seu autor, João da Costa, a pedido de uma jovem dama da corte, D. Violante Manrique de Mendoça, que lhe manifestara *o desejo de aprender a língua francesa*.

<sup>8</sup> Que no século XIX tem a aceção de *exercício* (cf. Howatt, 1988).

<sup>9</sup> Em *Presença de Fénelon no espaço literário luso-brasileiro. Subsídios para um estudo* (pp. 135-150), o Prof. Doutor Fernando Alves Cristóvão refere a *grande incidência* das ideias de Fénelon na cultura portuguesa e as cerca de 30 edições e reedições do Telémaco que se conhecem.



## Referências Bibliográficas

- Caravolas, Jean-Antoine (1995): *Le point sur... l'histoire de l'enseignement des langues ( ~3000 -1950)*, Coll. dir. Claude Germain, Québec, C.E.C.
- Choppin, A. (1992): *Manuels scolaires: histoire et actualité*, Paris, Hachette.
- Documents pour l'histoire du français langue étrangère ou seconde*, n.ºs 1 a 23, Paris, SIHFLES.
- Howatt, A.P.R. (1988): *A history of english language teaching*, Oxford University Press, Hong Kong.
- Puren, Christian (1988): *Histoire des méthodologies de l'enseignement des langues*, Paris, Nathan, Clé International, Coll."Didactique des langues étrangères".
- Salema, Maria José (1993): *A didáctica das línguas vivas e o ensino do francês nos liceus portugueses na viragem do século: o período de 1894 a 1910*, Braga, Universidade do Minho (tese dactilografada).
- Santos, Carlos Afonso (1912): *Propedêutica da língua francesa*, Porto, Livraria Chardron, de Lello & Irmão.

## Catálogo dos manuais para o ensino/aprendizagem do Francês (1732/1890) existentes na Biblioteca Pública de Braga\*

*L. 3519 A.*

ABBADIE, João Maria N. A.

Nova grammatica para aprender a traduzir, fallar, e escrever a lingua franceza, ... / João-Maria-N.A.Abbadie. - Lisboa : Na Typografia Rollandiana, 1809. - 237 p. ; 15 cm

CDU 811.133.1(075)

*L. 185 V.*

[ANTHOLOGIE FRANÇAISE]

[Anthologie française]. - [Paris : Guillard, Ailland et Cie, 1889]. - 400, VII p. ; 21 cm. - Exemplar sem folha de rosto. Dados recolhidos da comparação com edições existentes na Biblioteca Nacional

CDU 811.133.1(075)

*L. 10 A.*

BARNOIN, João António

Nova grammatica franceza, e portugueza ... / João Antonio Barnoin. - Porto : Na Typog. de Antonio Alvarez Ribeiro, 1796. - [8], 298, [6] p. ; 15 cm

CDU 811.133.1(075)

*L. 2944 A.*

CAPELA, José Valerio

Epitome da grammatica franceza / José Valerio Capella. - Braga : Typographia Lusitana, 1856. - 126 p. ; 21 cm

CDU 811.133.1(075)

---

\* Catálogo organizado por Maria Teresa Braga da Cruz (Biblioteca Pública de Braga).

*L. 308 V.*

CARVALHO, T.A.F. Nobre de

Petit abrégé de versification française / T.A.F. Nobre de Carvalho. - Lisbonne : Imprimerie Nationale, 1878. - [2], 39 p. ; 21 cm. - Dedicatória manuscrita do A. ao reitor do Liceu Nacional de Braga

CDU 811.133.1(075)

*L. 3 A.*

CONSTANCIO, Francisco Solano

Novo dictionario portatil das linguas portugueza e franceza / F. S. Constancio. - 2ª ed, rev. - Paris : Em Casa de Rey e Gravier : e na de Theophilo Barrois, 1820. - v. ; 15 cm. - 2.ª parte - Portuguez-francez. - 1820. - XXVIII, [4], 484 p.

CDU 811.133.1(038)

*L. 1623 A.*

DURAND, Francisco Clamopin

Mestre francez, ou novo methodo para aprender com perfeição, e ainda sem mestre, a lingua franceza por meio da portugueza / Francisco Clamopin Durand. - 6.ª ed. emendada ... - Lisboa : Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira, 1798. - [5], 456 p. ; 21 cm

CDU 811.133.1(075)

*L. 449 A.*

DURAND, Francisco Clamopin

Mestre francez, ou novo methodo para aprender com perfeição, e ainda sem mestre, a lingua franceza por meio da portugueza / Francisco Clamopin Durand. - 9.ª ed. emendada ... - Lisboa : Na Impressão Regia, 1824. - [5], 457 p. ; 20 cm

CDU 811.133.1(075)

*L. 1227 A.*

FENELON, 1651-1715

Aventuras de Telemaco, filho de Ulysses / Francisco de Salignac da Motha Fenelon. - Lisboa : Na Typografia Rollandiana, 1785. - 453 p., 1 est. ; 18 cm  
CDU 821.133.1-31 Fenalon, F. de S. de La M.

*L. 1228 A.*

*L. 1229 A.*

FENELON,1651-1715

Aventuras de Telemaco filho de Ulysses / F. Salignac de la Mothe Fenelon ; trad. Manuel de Sousa e de Francisco Manuel do Nascimento; retocada e correcta por José da Fonseca. - Paris : Na Livraria Europea de Baudry, 1837. - 2 v., 580 p. : il. ; 17 cm. - Pertenceu ao Colégio do Espírito Santo de Braga  
CDU 821.133.1-31 Fenelon, F.S.de La M.

*M.M. 231 A.*

FENELON,1651-1715

Aventuras de Telemaco, filho de Ulysses / Francisco Salignac de la Mothe Fenelon ; trad. Manuel de Sousa e Francisco Manuel do Nascimento ; retocada e correcta por José da Fonseca. - Paris : Na Livraria Europea de Baudry, 1837. - III, 580 p., 8 est. ; 18 cm  
CDU 821.133.1-31 Fenelon, F.de S. de La M.

*L. 1769 A.*

*L. 1770 A.*

FENELON, 1651-1715

O Telemaco / Francisco de Salignac de La Motte Fenelon ; trad. Manoel de Sousa. - Lisboa : Na Offic. de Miguel Rodrigues, 1770. - 2 v. ; 15 cm. - Tomo I - [24], 359 p. - Tomo II - [1], 468 p. - Pertenceu à Livraria do Convento de Santo António dos Reformados de Guimarães  
CDU 821.133.1-31 Fenelon, F. de S. de La M.

*L. 467 V.*

FONSECA, José da

Novo dicionario francez-portuguez / José da Fonseca. - Pariz : Em caza de V.ª J.-P. Aillaud, Monlon e C.ª, 1862. - [4], VI, 955 p. ; 22 cm. - Pertenceu à Biblioteca do Convento de Montariol, Braga  
CDU 811.133.1(038)

*L. 1091 V.*

FREIRE, F. de Castro

Novo diccionario francez-portuguez ... / F. de Castro Freire. - Paris : V<sup>o</sup> J.-P. Aillaud, Guillard e C.<sup>a</sup>, 1879. - [4], IV, 1285 p. ; 27 cm. - Pertenceu ao Colégio do Espírito Santo de Braga  
CDU 811.133.1(038)

*L. 118 P.*

JOVENE, José Arcangelo

Mapa orthografico para se ler com brevidade, e sem maior estudo a escriptura franceza, ... / Joze Arcangelo Jovene. - 2.<sup>a</sup> ed., novamente correta, e ampliada. - Coimbra : Na Real Imprença da Universidade, 1770. - [4] p. ; 33 cm. - Pertenceu a Pereira Caldas professor bracarense  
CDU 811.133.1(075)

*L. 97 A.*

LA FONTAINE, Jean de, 1621-1695

Fables de La Fontaine: avec notes. - A Paris : Chez Crapelet, 1830. - v. : il. ; 12 cm. - Tomo II - 464 p., il.  
CDU 821.133.1-34 La Fontaine, J.

*L. 3381 A.*

LA FONTAINE, Jean de, 1621-1695

Fabulas / escolhidas entre as de J. La Fontaine ; traduzidas em verso portuguez, por Filinto Elyσιο. - Lisboa : Na Typographia Rollandiana, 1839. - 2 v. : 12 cm. - Tomo I - 240 p. - Tomo II - 338 p.  
CDU 821.133.1-34 La Fontaine, J.

*L. 15 A.*

LA RUE, De

Novo methodo de grammatica, para aprender com perfeiçam, e ainda sem uso de mestre, a lingua franceza, e de algum modo a portugueza / De La Rue. - Lisboa : Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1756. - [4], 320 p. ; 15 cm. - Pertenceu à Livraria da Congregação dos Oratórios de Braga  
CDU 811.133.1(075)

*L. 3505 A.*

LA RUE, De

Novo methodo de grammatica, para aprender com perfeiçam e ainda sem uso de mestre, a lingua franceza, e de algum modo a portugeza / De La Rue. - Lisboa : Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1766. - [2], 320 p. ; 15 cm  
CDU 811.133.1(075)

*L. 1374 V.*

LIMA, Luis Caetano de

Grammatica franceza, ou arte para aprender o francez por meyo da lingua portugueza ... / Luis Caetano de Lima. - Lisboa, Na Officina da Congregação do Oratorio, 1732-1733. - 1 v. [733] p. : il. ; 22 cm. - Pertenceu à Congregação do Oratório de Braga.. - Parte I - 1733. - [16], 271 p. - Parte II - 1732. -[8], 463 p.  
CDU 811.133.1(075)

*L. 60<sup>1</sup> P.*

MARQUES, José

Nouveau dictionnaire des langues françoise, et portugaise ... / Joseph Marques. - 2.º ed. rev., corrigée, & augmentée d'un supplément. - Lisbonne : Chez Jean Joseph Bertrand, 1758. - [4], 677 p. ; 31 cm. - Encadernado com Supplement ..., cota L. 30//2 P. - Pertenceu a Fr. Vicente do Porto e ao Liceu Nacional de Braga  
CDU 811.133.1(038)

*L. 30<sup>1</sup> P.*

MARQUES, José

Nouveau dictionnaire des langues françoise, et portugaise ... / Joseph Marques. - 3.º ed., rev., corrigée, augmentée, & d'un supplément. - Lisbonne : Imprimerie Royale, 1775. - 677 p. ; 30 cm. - Encadernado com supplement ..., cota L. 30//2 P.  
CDU 811.133.1(038)

*L. 60<sup>2</sup> P.*

MARQUES, José

Supplement du nouveau dictionnaire des langues françoise, et portugaise / Joseph Marques. - 2.º ed., corrigée. - Lisbonne : Imprimerie Patriarchale de

François Louis Ameno, 1764. - 183 p. ; 31 cm. - Encadernado com Nouveau dictionnaire ..., cota L. 60//1 P.  
CDU 811.133.1(038)

*L. 30<sup>2</sup> P.*

MARQUES, José

Supplement au nouveau dictionnaire des langues françoise, & portugaise / Joseph Marques. - 3.º ed., rev., corrigé, & augmenté. - Lisbonne : Imprimerie Royale, 1776. - 207, 1 p. ; 30 cm. - Encadernado com Nouveau dictionnaire ..., cota L. 30//1 P.  
CDU 811.133.1(038)

*L. 17 V.*

MONTEVERDE, Emílio Aquiles

Grammatica franceza / Emílio Achilles Monteverde. - 2.ª ed. - Lisboa : Na Imprensa Nacional, 1838. - [3], 344 p. ; 21 cm  
CDU 811.133.1(075)

*L. 1232<sup>a</sup> V.*

NOBREGA, M. do Nascimento

Chave dos exercícios de applicação do methodo pratico de grammatica franceza / M. do Nascimento Nobrega. - Coimbra : Imprensa da Universidade, 1876. - 82, [2] p. ; 23 cm  
CDU 811.133-1(075)

*L. 1635 V.*

NOVO DICCIONARIO FRANCEZ-PORTUGUES ..

Novo dictionario francez-portugues ... - 5.ª ed. - Lisboa : Na Officina de Filippe da Silva e Azevedo, 1786. - [4], 694 p. ; 21 cm  
CDU 811.133.1(038)

*L. 1634 V.*

NOVO DICCIONARIO FRANCEZ-PORTUGUEZ

Novo dictionario francez-portuguez. - 6.ª ed. - Lisboa : Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1796. - [4], 770 p. ; 21 cm  
CDU 811.133.1(038)

*L. 46 V.*

NOVO DICCIONARIO FRANCEZ-PORTUGUEZ...

Novo dictionario francez-portuguez ... - Lisboa : Na Regia Officina Typografica, 1777. - [4], 223 p. ; 20 cm

CDU 811.133.1(038)

*L. 480 V.*

NOVO DICCIONARIO FRANCEZ-PORTUGUZ [SIC], COMPOSTO SEGUNDO OS MAIS CÉLEBRES DICCIONARIOS...

Novo dictionario francez-portuguz [sic], composto segundo os mais célebres dictionarios ... - 7.<sup>a</sup> ed. - Lisboa : Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1803. - [4], 770 p. ; 23 cm

CDU 811.133.1(038)

*L. 3499 A.*

NOVO MESTRE FRANCEZ, OU NOVA GRAMMATICA DA LINGUA FRANCEZA,...

Novo mestre francez, ou nova grammatica da lingua franceza, ... - 5.<sup>a</sup> impressão. - Lisboa : Na Nova Impressão da Viuva Neves e Filhos, 1815. - [2], 387 p. ; 15 cm. - Pertenceu a Fr. António do Carmo Caldas

CDU 811.133.1(075)

*L. 640 A.*

OLLENDORFF, H. G.

Methodo para aprender a ler, fallar e escrever a lingua franceza em seis mezes / H. G. Ollendorff ; arranjado para uso dos portuguezes por F. Adolpho Coelho. - 6.<sup>a</sup> ed, correcta e augmentada. - Porto : Livraria Universal de Magalhães & Moniz, 1890. - VII, 720 p. ; 19 cm

CDU 811.133.1(075)

*L. 216 V.*

PIEIDADE, Diogo da

Arte franceza para uso dos portuguezes / Diogo da Piedade. - Coimbra : Na Real Imprensa da Universidade, 1828. - 323 p. ; 21 cm. - Pertenceu a A.B. de



Meneses, presbítero secular

CDU 811.133.1(075)

L. 26 A.

PINTO, Agostinho Albano da Silveira

Elementos de grammatica franceza ... / Agostinho Albano da Silveira Pinto. - 6.<sup>a</sup>

ed. corrig. augm. - Porto : Typographia Commercial, 1852. - V, 231 p. ; 16 cm

CDU 811.133.1(075)

L. 1955 A.

ROQUETE, J.-I.

Grammatica elemental de lingua franceza e arte de traduzir o idioma franceza

em portuguez ... / J.-I. Roquete. - Nova ed. rev.. - Pariz : V.<sup>a</sup> J.-P. Aillaud,

Guillard e C.<sup>a</sup>, 1851. - VII, 164 p. ; 18 cm

CDU 811.133.1(075)

L. 5504 V.

ROQUETE, J.-I.

Nouveau dictionnaire portugais-français ... / J.-I. Roquete. - Nouv. ed. corrigée

/ par V.C. - Paris : Guillard, Aillaud, 1888. - XVI, 1290 p. ; 21 cm

CDU 811.133.1(038)

L. 4599 A.

SÁ, Joaquim José da Costa e

Diccionario abreviado das linguas portugueza, e franceza, ou compendio do

grande diccionario portuguez, francez, e latino / Joaquim José da Costa e Sá.

- Lisboa : Na Typografia Rollandiana, 1808. - [2], 926 p. ; 20 cm

CDU 811.133.1(038)

L. 51 P.

SÁ, Joaquim José da Costa e

Diccionario portuguez-francez-e-latino ... / Joaquim José da Costa e Sá. -

Novamente compilado. - Lisboa : Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira,

1794. - [8], 674, 555 p. ; 30 cm

CDU 811.133.1(038)

*L. 1248 A.*

SELECTA FRANCEZA OU TRECHOS EXTRAHIDOS DOS MELHORES AUTORES FRANCEZES ...

Selecta franceza ou trechos extrahidos dos melhores autores francezes ... / J.-I. Roquette. - Nova ed. - Pariz : Em Casa de V.<sup>a</sup> J.-P. Aillaud, Guillard e C.<sup>a</sup>, 1855. - [8], 604 p. ; 18 cm. - Pertenceu ao Seminário de S. Fiel  
CDU 811.133.1(075)

*L. 85 P.*

SOUSA, Manuel de

Nouveau dictionnaire françois-Portuguais ... / Emmanuel de Sousa ; mis en ordre, rédigé, revû, corrigé, augmenté par Joachim Joseph da Costa & Sa. / par Joachim Joseph da Costa & Sa. - Lisbonne : Chez Borel, Borel, 1784-1786. - 2 v. ; 29 cm. - Dois Tomos encadernados num volume. - Tomo I - A=K. - 1784. - [8], 617 p. - Tome II - L=Z. - 1786. - 583, [1] p.  
CDU 811.133.1(038)

*L. 440 A.*

STRATNEVER, Luis Alfredo

Grammatica franceza ... / Luiz Alfredo Stratnever. - Porto: Typographia Commercial Portuense, 1839. - 244 p. ; 20 cm  
CDU 811.133.1(075)

*L. 1484 A.*

VIDAL, C. Delacruz

Selecta franceza / C. Delacruz Vidal. - 2.<sup>a</sup> ed. rev. e melhorada / colab. de Luiz Filippe Leite. - Lisboa : Typographia Mattos Moreira, 1890. - [6], 474 p. ; 18 cm  
CDU 811.133.1(075)